

conversas com o meu filho autista

EDMAR CONCEIÇÃO

PENALUX, 2021

Cantiga extraviada

*Na leveza do olhar
Em cada toque aveludado
Revela-se um novo amor...
Caio Arthur*

Você ainda não tinha nascido quando fizemos esta cantiga de ninar. Joana me ajudava na cadência da melodia, sorrindo da minha falta de ritmo para música.

A canção surgia aos poucos, cada palavra parecia um tijolo, erguendo, com zelo, um belo sonho. A cada verso, olhava para a barriga de tua mãe, imaginando teu riso ao perceber o meu canto desajeitado.

Não terminei a música, faltaram algumas estrofes. Muitas coisas também ficaram incompletas quando você parou de falar conosco, fechando-se em teu próprio canto.

Hoje tentei cantarolar tua cantiga. Não consegui tua atenção e cedi ao teu olhar distante. Segurei tua mão e deixei que me guiasse nos teus passos incertos.

Quem sabe um dia acharemos o restante de tua cantiga, talvez em um vale encantado ou em um casarão antigo onde se encontram os outros sonhos extraviados, onde eu possa te ouvir por inteiro.

Ele não respondeu

Eu tinha chegado tarde do trabalho. Ao abrir a porta você veio ao meu encontro segurando o controle da televisão. Encontrei Joana sentada no chão, desolada, não conseguindo segurar as lágrimas.

– Chamei Caio por mais de dez minutos e ele não respondeu... chamei por mais de cem vezes e ele não virou para mim... ele só despertou quando ouviu a porta abrir.

Ainda não sabíamos o teu diagnóstico, estávamos perdidos em tua apatia. Os exames confirmaram que não era surdez, o fonoaudiólogo pediu para fazermos uma série de exercícios para despertar a tua atenção e a fala.

Mas foram naquelas primeiras lágrimas de Joana, desaguando em um abismo desconhecido e cada vez mais fundo, que percebemos nossas primeiras cicatrizes, sentindo você deslizar de nossas mãos frágeis e apavoradas.

Naquela noite sequer tentei represar o choro de tua mãe e nem estancar minha primeira ferida, fiquei à deriva, submerso em teu silêncio, apavorado por aceitar nossa primeira derrota.

O curandeiro

Além de médicos, terapeutas e psicólogos, investimos também na crença, no misticismo, no milagre da fé dos curandeiros.

Lutar contra maus espíritos e maus-olhados trazia certo alívio. Era um horizonte para nossa batalha.

Por mais que os inimigos fossem invisíveis, sabíamos com o que estávamos lutando. Tínhamos um arsenal de armas para o combate, pois não te faltaram chás com raízes, flores de maracujá, galhos de aroeira, velas noturnas, banhos perfumados e rezas de todos os tipos e tamanhos.

Houve um curandeiro que não prescreveu nada. Após sair da sala reservada, abriu um livro amarelado enorme, com folhas em branco, em que ele apenas podia ler, nos revelando o seguinte:

– Seu filho não tem nada. Ele é sadio. Correndo e gritando deste jeito, não tem doença nenhuma. Ele não vai demorar a falar. Cuidado com os remédios, se der demais ele pode até morrer. Evite dá para ele banana!

Infelizmente você não teve a melhora que nos prometeram. Confesso que perdi um pouco de minha fé, sinto-me um vazio quando rogo para ti. Porém, ainda tenho comigo a crença nas preces. Muitas vezes elas existem, não para serem atendidas, mas para abrir outros caminhos, para renovar a travessia.

Adimar

Quando você falava, não me chamava de pai. Chamava pelo meu nome. Pegava o telefone e, simulando uma ligação, dizia: *Alô... lô... Adimar!*

Eu tentava responder tua ligação, mas não conseguia conter minha risada, divertia-me com tua seriedade no telefone, procurando, com insistência, achar um “Adimar” na linha telefônica.

No dia dos pais, você já tinha deixado de falar a maioria de suas palavras. Mal tinha acordado e tua mãe te pedia para dar meus parabéns. Com muito esforço, quase cantando, você falou meu nome pela última vez:

Aaaaaaaaaa...diii...mar!

Você ainda brinca com o telefone da sala, coloca-o no ouvido e solta um pequeno riso, como se fosse uma brincadeira boba. Desta vez, eu que fico sério, torcendo pelo inesperado, acreditando que você se conectará novamente.

Todas as manhãs assisto teu acordar, esperando que você diga meu nome. Tento não esquecer tua voz, não perder a linha do teu telefonema.

Mesmo nos dias mais emudecidos, sempre permaneço na escuta, aguardando-te com a mesma teimosia de um pai preso no tempo, esperando o regresso de tua voz exilada.

O mundo de Caio

– Preocupa-me a falta de contato visual do seu filho. Não acredito que seja atraso na linguagem. Ele tem traços comuns do autismo.

Tua mãe já tinha me alertado sobre a possibilidade deste diagnóstico da neuropediatra. Você não nos olha diretamente, prefere criar teu espaço, inventando, sozinho, tuas brincadeiras, pinotes e palavras soltas.

Joana dirigia o carro e explanava sobre o que era o autismo regressivo, seu tratamento e o mistério que a ciência ainda não conseguiu descobrir: como uma criança, a partir de certo momento, não fala mais, foge do mundo real e se recolhe a um universo somente seu?

Enquanto isso, nos longos intervalos de silêncio, segurava a tua mão delicada, deixando escorrer dentro de mim uma dor de várias perdas e incertezas.

Você não me fitava, mas, de alguma forma, não aceitava minha ferida, pelo contrário, chupava teu pirulito azul soltando gargalhadas.

Senti um conforto no teu riso, eu que tantas vezes recusei o amargor da realidade, abri fendas para criar meu próprio planeta, demarcando meus quintais solitários da infância, os penhascos da poesia e desertos íntimos cheios de desabafos e medos.

Naquela mesma hora, fiz preces e promessas. Não era uma oração tensa, rogando uma cura milagrosa e instantânea. Apenas agradei ao Criador a condição de ser teu pai, pedindo um pouco de leveza e ternura no meu coração para admirar a tua beleza, o “Mundo de Caio”, cultivando teu riso cheio de estrelas, mesmo quando estivermos em órbitas diferentes.

Um dia

– Que foi, pai? Parece que desanimou com a dieta?

– Doutora, já imaginávamos a alergia dele com o glúten e o leite, mas não comer ovos é ruim, ele gosta tanto... é a única coisa que sei preparar para o Caio...

– Olhe, pai, essa dieta não é para sempre, vamos trabalhar para que um dia ele possa voltar a comer ovos e até os outros alimentos que estamos restringindo.

Não foi uma boa conversa, filho. Já tiramos tanta coisa de você e a médica renomada disse que eu não podia fazer mais teus ovos estrelados que você tanto gosta.

Muitas coisas contigo ficam para “um dia”: tua fala, teu olhar e agora teus ovos estrelados.

Tenho a impressão de que a vida tem adiado muito de você as coisas boas. Tenho receio que este “um dia” demore demais e teu pai te falte em tua dieta.

SITE

www.edmarconceicao.com

E-MAIL

edboy.mar@gmail.com



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Chaparral Pro
para a Editora Penalux, e impresso em papel
off-white 80 g/m², em agosto de 2021.